



Carolina de Castro Anselmo

Experiências urbanas conclusões de um processo no Aglomerado da Serra¹

PONTO DE PARTIDA

Esse texto se construiu a partir de experiências realizadas no Aglomerado da Serra, favela situada em Belo Horizonte. Tais experiências buscaram possibilidades de abordagem e problematização do processo de reurbanização ali implantado, embasadas pelo discurso de Rancière (2010), numa tentativa de aceitar os dissensos como parte da cidade de forma que possamos considerá-la um lugar político, onde um mundo sensível se opõe a outro. (JACQUES, 2010).

Durante o processo de construção de metodologias de intervenção para esses espaços, identificados como opacos (SANTOS, 2009), foram propostas ações sensíveis e observações do cotidiano local (CERTEAU, 2008; LEFEBVRE, 1991), revelaram tensões existentes e algumas resistências ao projeto implantado pela prefeitura.

Políticas urbanas de caráter reparador e uniformizador como essa são comuns. Isso faz com que a metodologia desenvolvida para o caso citado acima não se feche apenas nesse contexto. Considerar a arte como expansão do campo do urbanismo (ANSELMO, 2011) como um caminho de trabalho para abordar as cidades pode ser uma

^{*} arquiteta e urbanista, mestre Faculdade de Belas Artes/
UP - Universidade do Porto

possibilidade para contestar iniciativas com viés asséptico, que tentam anular ou esconder conflitos e diferenças das conformações urbanas tentando impor uma padronização de linguagens.

Essa tendência homogeneização dos espaços se relaciona com o já constatado empobrecimento da experiência, tratado por diferentes autores, como Benjamin (1986) ou Bondía (2002). Esse último autor, em seu texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, coloca que a experiência é algo que nos acontece e sua significação primeira está relacionada a ideia de travessia do perigo.

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] O sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002, p. 25-26)

Levando esse conceito para a experimentação da cidade, e retomando uma colocação de Certeau (2008) que fala dos espaços como lugares praticados, chegamos ao ponto que interessa ao urbanismo. Quando consideramos que somos tanto agentes, quanto pacientes das nossas cidades (RYKWERT, 2004), chegamos a um ponto importante dessa discussão que passa pela relação dos corpos com os espaços. Se os espaços que nos são oferecidos são sempre semelhantes, teremos experiências mais homogêneas. Da mesma forma que se usamos as cidades de maneiras pouco criativas, também estaremos produzindo espaços mais iguais, embora as vivências e os processos de subjetivação e significação da cada um seja particular.

Logo, pensar a cidade como um padrão único, além de negar conflitos inerentes e dinâmicas de transformações econômicas, sociais e espaciais, anula também as possibilidades de partilhas do

sensível (RANCIÈRE, 2010) e da possibilidade de se ter uma cidade como um lugar político.

Fica claro então que as experiências, as relações que acontecem nos espaços, as territorializações neles criadas nos permitem apreender as cidades, seja através das “travessias dos perigos” ou mesmo através de práticas cotidianas. São essas práticas das cidades que me pareceram pertinentes abordar e relacionar com algumas teorias não só do urbanismo, mas também das artes, e de outras disciplinas que tocam em pontos comuns relativos aos espaços urbanos e sua organização, para chegar a uma metodologia possível de problematização e questionamento das políticas de urbanização de favelas.

EXPERIÊNCIA 1

Diante da relocação de moradores do aglomerado para edifícios que reproduzem uma maneira de morar das “cidades formais”, a primeira experiência no Aglomerado da Serra se construiu. A rigidez formal dos edifícios e do sistema viário implantado negam completamente a organização caótica e dinâmica característica das favelas. Na tentativa de perceber como aconteceu a apropriação desses novos espaços, me aproximei das rotinas de moradores de dois prédios, participando de reuniões de condomínio, acompanhando alguns moradores em suas caminhadas diárias até o trabalho, até o supermercado, até as escolas dos filhos ou mesmo passando algumas horas conversando sobre assuntos triviais. Aos poucos pude perceber que muitos dos comportamentos dos becos se repetem nos prédios, embora haja um esforço por parte do governo de educar as pessoas para ocuparem as tipologias de habitação verticais e uma imposição de diversas regras. Um dos pontos evidentes que já mostram a ineficiência de algumas dessas imposições é a forma de apropriação dos edifícios. À noite as escadas do

prédio que frequentei se transformam num espaço análogo ao beco. Vira ponto de encontro dos vizinhos que saem dos apartamentos, deixam as portas abertas, sentam nas escadas para conversar com os filhos, amigos, entram nas casas uns dos outros, tudo exatamente como acontecia nos becos. As crianças continuam indo para as ruas brincar, mesmo porque nos prédios não há áreas para eles desenvolverem as mesmas brincadeiras que tinham antes. Mas há o agravante que o asfalto permite uma maior velocidade dos carros e acaba por gerar alguns acidentes e atropelamentos.

O problema das drogas também se repete nos edifícios da mesma forma como acontecia nos becos. Durante o período da pesquisa percebemos que uma moradora se apropriou do sótão do prédio para esconder os objetos que roubava e também para se esconder e se drogar. Portanto, fica claro que as ações cotidianas e a forma de apropriação dos espaços funcionam como desvios, como táticas como coloca Certeau (2008), como resistências às imposições formais do projeto Vila Viva.

EXPERIÊNCIA 2

A apreensão e compreensão dos espaços feitas a partir da experiência corporal é importante para o processo de subjetivação e significação dos territórios e torna-se ponto crucial para chegar a um urbanismo sensível. Pensando então nesse processo de sensibilização e aguçamentos dos sentidos, buscamos inspiração em práticas artísticas para nossa prática urbana. Comparando trabalhos feitos tanto por artistas quanto por urbanistas que consideram as situações e o cotidiano como campo de trabalho, foi possível perceber uma contaminação das disciplinas que resultou na proposição da arte como expansão do campo de urbanismo. Dessa forma, ações sensíveis pareceram pertinentes para proposição de cidades metafóricas, criadas a partir do processo de subjetivação disputado pelas experiências. Foi buscando camadas e “cidades invisíveis”, percebidas de maneiras individuais e sensíveis que outras experiências se desenvolveram. Experimentamos a favela a partir de mapas mentais que foram



desenhados ou narrados. Percorrer os caminhos, tentando chegar de um ponto a outro seguindo orientações sonoras gravadas, com a descrição do caminho feita por outra pessoa, nos despertou sensações e mudou nosso olhar sobre o trajeto em questão. Voltamos a atenção para aquilo que era importante para outra pessoa, ou ficamos perdidos a procura daquilo que já não existia mais, a não ser na memória de quem fez a descrição. Dessa forma, vivenciamos o espaço de outra maneira e percebemos os diferentes mapas mentais de cada um. Outra atividade sensível que fez parte dessa etapa foi colar frases que tensionavam certos contextos do lugar. Tais frases foram recortadas de conversas anteriores ou elaboradas pelos próprios

moradores. Embora os adesivos fossem pequenos, foram retirados de um dia para o outro, revelando o incomodo gerado pelas palavras no lugar. Notou-se portanto, que mesmo intervenções sutis são capazes de chamar atenção e questionar relações existentes nos espaços.

EXPERIÊNCIA 3

Ainda construindo uma metodologia de encontrar outros caminhos para o urbanismo através do sensível, outra experiência se construiu e revelou algumas das camadas das cidades existentes naquele lugar. Algumas crianças desenharam uma cidade no asfalto. O desenho mostrou que no imaginário dessas crianças, já estão incorporados às suas cidades





os prédios de habitação bem como hospital, escola, biblioteca, igreja. Coexistindo com esses elementos também estavam desenhos de casa de choque, de agressão, de homicídio, mostrando a naturalidade com que essas crianças tratam de assuntos tão violentos, revelando mais uma tensão do lugar.

A partir da observação desses desenhos, surgiu a ideia de pintar um muro dos prédios com tinta de quadro negro para chamar atenção da falta de espaço de lazer para essas crianças além de dar destaque para o que elas tem a dizer com seus desenhos, que parecem bastante expressivos e significativos para abordar o contexto em questão.

Posteriormente esse muro foi usado para outra atividade lúdica, envolvendo dessa vez os adultos. Tal experiência se constituiu numa avaliação lúdica sobre o Vila Viva, tendo como referência algumas perguntas do formulário de avaliação oficial do

governo que mostrava uma porcentagem de aceitação alta referentes às mudanças da reurbanização. Entretanto, minha experiência no local se mostrou contrária aos dados estatísticos. Foi por isso que passamos as mesmas perguntas para o muro pintado, incluindo umas outras, e pedimos que os moradores colassem adesivos vermelhos ou azuis que indicavam aprovação ou reprovação das afirmações. Também foram feitas algumas projeções de imagens, palavras e desenhos e as manifestações positivas ou negativas dos moradores em relação a elas aconteceu com o preenchimento de uma folha em branco com riscos vermelhos ou azuis que indicavam aprovação ou reprovação. Dessa forma, percebemos que essas estratégias mais lúdicas, além de envolver mais a população permite a abertura de diálogos espontâneos que nos ajudam a entender melhor as aspirações, o cotidiano e as necessidades do lugar.




CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção.
(BONDÍA, 2002, p. 24)

Esse outro ritmo e outra relação com o espaço que a experiência nos proporciona me parece um ponto fundamental para pensarmos na unidade de uma cidade onde é possível partilhar o sensível, coexistir as diferenças e assumir as tensões e contradições que lhe são inerentes e a torna tão instigante.

A contaminação entre práticas e reflexões teóricas se fazem necessárias para a construção de um urbanismo mais coerente com as dinâmicas fluidas contemporâneas. No caso desse trabalho desenvolvido no Aglomerado da Serra, os problemas levantados tentaram ser respondidos tanto através da teoria quanto da prática, sendo que ambas as vertentes se construíram de forma autônoma sem o compromisso de ilustrar ou descrever uma a outra. Foram caminhos independentes que se contaminaram e se inspiraram e resultaram em ações e reflexões que se completam sem o compromisso de estarem sempre coerentes. Foi possível então, revelar camadas, instigar olhar, criar possibilidade de diálogos problematizando a situação através de ações lúdicas, sensíveis, cotidianas que ajudaram a perceber caminhos de agenciamento de inconstâncias e diversidades para chegar a um comum que não precisa ser entendido como uniformizador e sim

como dispositivo de construção de uma cidade política, menos espetacular e mais vivenciada e experimentada. 

Notas

¹ Dissertação defendida no Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público, da Universidade do Porto, sob orientação de Gabriela Pinheiro e coorientação Paola Berenstein Jacques.

ANSELMO, Carolina. *Arte como campo expandido do urbanismo: um estudo de caso no Aglomerado da Serra*. Porto: FBAUP, 2011

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: _____, *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Documentos de cultura documentos de barbarie*. São Paulo: EDUSP, 1986.

BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 15 jul 2012.

BRITTO, Fabiana; Jacques, Paola. *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010. 396 p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. *Gávea*, Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura, Rio de Janeiro v. 1, 1984 p. 129-137.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica 1991.

RANCIÈRE, Jacques. *Estética e Política. A partilha do sensível*. Porto: Dafne Editora, 2010.

RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.